

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
SARAH KARINA MARCONDES DOS SANTOS LIMA**

**MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO CÔNJUGE:
UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA.**

TAUBATÉ

2019

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Sarah Karina Marcondes dos Santos Lima

**MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO CÔNJUGE:
UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do Certificado de Especialização pelo curso de Intervenção Familiar Psicoterapia e Orientação.

TAUBATÉ
2019

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi/UNITAU
Biblioteca Setorial de Biociências

L732m

Lima, Sarah Karina Marcondes dos Santos
Motivações para a escolha do cônjuge: uma perspectiva
sistêmica / Sarah Karina Marcondes dos Santos Lima – 2019.
44f.

Monografia (Especialização) – Universidade de Taubaté,
Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.

Orientador: Profa. Dra. Sonia Maria de Oliveira,
Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação.

1. Cônjuge. 2. Transgeracionalidade. 3. Mulher. 4.
Casamento. I. Título.

CDD- 158.24

SARAH KARINA MARCONDES DOS SANTOS LIMA

**MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO CÔNJUGE: UMA PERSPECTIVA
SISTÊMICA.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do Certificado de Especialização pelo curso de Intervenção Familiar Psicoterapia e Orientação.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Sônia Maria de Oliveira

Data: _____

Resultado: _____

Prof^ª Dra Sônia Maria de Oliveira

RESUMO

O presente estudo teve o objetivo de investigar, através de um estudo bibliográfico, exploratório e qualitativo, o processo de motivação na escolha do cônjuge, na perspectiva sistêmica, que inclui fatores transgeracionais, modelos conjugais parentais e motivações contemporâneas. Para tanto, foi desenvolvido um estudo sobre o que autores de literatura especializada escreveram a respeito das escolhas feitas por mulheres baseada em teoria do ciclo vital, das transmissões transgeracionais, inclusive modelos dos próprios pais. Foram considerados textos que trouxessem o contexto histórico-social-cultural da mulher e a evolução do mesmo através do tempo frente ao assunto em questão, a história do casamento, seus modelos e tendências e conseqüentemente as transformações ocorridas através do tempo na sociedade em geral. O presente trabalho foi desenvolvido e seguiu os preceitos do estudo exploratório, por meio de pesquisa bibliográfica em material referenciado e artigos científicos buscados na base de dados acadêmica Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Biblioteca Digital de Teses e Dissertações IBICT/BDTD, sendo qualitativa, utilizando procedimentos técnicos de pesquisa documental e análise de conteúdo. Utilizando como método de pesquisa bibliográfica identificou-se que o tema escolha do cônjuge foi publicado 58 vezes na base consultada, porém apenas 6 especificam o tema como foco central. Essa colocação de pesquisa levou à conclusão de que as motivações da escolha do cônjuge recebem influência direta das relações familiares transgeracionais, e abrirá espaço para discussões futuras para o assunto em questão.

Palavras-chaves: Cônjuge; Transgeracionalidade; Mulher; Casamento.

ABSTRACT

The present study had the objective of investigating, through a bibliographic exploratory and qualitative study, the motivation process in the choice of the spouse, in the systemic perspective, which includes transgenerational factors, parental conjugal models and contemporary motivations. In order to do so, a study was carried out on what authors of specialized literature have written about choices made by women based on life cycle theory, transgenerational transmissions, including models of the parents themselves. They were considered texts that brought the historical-social-cultural context of the woman and the evolution of the same through the time in front of the subject in question, the history of the marriage, its models and tendencies and consequently the transformations occurred through time in the society in general. The present work was developed and followed the precepts of the exploratory study, through bibliographical research in referenced material and scientific articles searched in the IBICT / BDTD academic database. qualitative, using technical procedures of documentary research and content analysis. Using as a method of bibliographic research, it was identified that the theme of the spouse's choice was published 58 times in the consulted database, but only 6 specify the theme as the central focus. This research placement led to the conclusion that the motivations of spouse's choice are directly influenced by transgenerational family relationships, and will open space for future discussions on the issue at hand.

Keywords: Spouse; Transgenerationality; Woman; Marriage.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. JUSTIFICATIVA.....	10
3. PROBLEMA.....	12
4. OBJETIVOS.....	12
4.1- Objetivo Geral	12
4.2 - Objetivos Específicos.....	12
5. REVISÃO DE LITERATURA.....	13
5.1 - A história do casamento: modelos e tendências.....	13
5.2 – A escolha do cônjuge segundo a abordagem sistêmica.....	22
5.3 Questões histórico culturais que, permitiram o desenvolvimento do comportamento da mulher.....	24
6. MÉTODO.....	29
6.1 Coleta de dados, população e amostra da pesquisa.....	29
6.2 Procedimento para análise de dados.....	29
7. RESULTADOS.....	30
8. DISCUSSÃO.....	37
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
10. REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização Departamento de Pós- Graduação da Universidade de Taubaté tem como tema: A escolha do cônjuge. Como delimitação de tema tem-se a motivação da escolha do cônjuge: uma perspectiva sistêmica.

No casamento, estão implícitos: as projeções feitas com o companheiro anteriormente ao matrimônio, às experiências familiares, o comportamento, os valores familiares, e outras vivências, podendo repercutir na vida a dois. É importante salientar que no que tange os relacionamentos amorosos, as pessoas possuem no psiquismo particularidades inconscientes já preestabelecidas. Essas particularidades poderão influenciar na escolha do parceiro e no contexto conjugal. Esse lugar topológico reúne uma história anterior dos sujeitos com a história atual dos parceiros, em que cada um terá construído seus ideais, suas imagens e fantasias sobre a conjugalidade, estando referenciadas com o relacionamento que se estabelecia dos próprios pais e nas gerações familiares antepassadas. Todos esses fatores podem contribuir ou prejudicar o relacionamento futuro de uma relação conjugal (FÉRES-CARNEIRO, 2005).

Vasconcellos (2014), grande precursora do pensamento sistêmico novo paradigmático no Brasil, distingue da ciência tradicional da busca do objeto na sua simplicidade, estabilidade e objetividade, que se baseia na ideia de leis simples de funcionamento, em que a sociedade é estável e, sendo assim, não produtora de mudanças, havendo sempre uma repetição com regularidade.

A autora compreende, ao considerar a ciência novo-paradigmática, três novos pressupostos dentro da ciência pós-moderna: complexidade, instabilidade e a intersubjetividade. Assim, este novo paradigma ampliado da forma de ver o objeto e, dentro disto, sua relação com o meio em que ele vive um processo relacional com os objetos constantemente em mudanças, considerando que os indivíduos são iguais biologicamente, mas cultural e socialmente diferenciados, ou seja, o indivíduo vê e vive o mundo em que ele atua (VASCONCELLOS, 2014).

Nessa perspectiva da pesquisa, a escolha do cônjuge obedece a razões conscientes e inconscientes e o sujeito acaba sendo influenciado pelos modelos amorosos com base nas suas vivências e percepções resultantes da família de origem, e, também, por fatores socioculturais (FÉRES-CARNEIRO, 2010).

Os relacionamentos amorosos partem “de um porto seguro”, onde os parceiros completam suas lacunas, em nível inconsciente. O casal busca companhia, segurança relacional e boa convivência, além de criar expectativas que precisarão ser satisfeitas (MAGALHÃES & FÉRES-CARNEIRO, 2003).

2. JUSTIFICATIVA

Através de atendimentos em consultório, foi-me permitido ouvir relatos de mulheres sobre os aspectos da condição feminina relacionados ao trabalho, família, relacionamentos amorosos, conjugalidade e a dificuldade na escolha do cônjuge. Despertou então, o desejo de transformar essa inquietação em trabalho acadêmico.

A condição feminina neste trabalho é vista sob a ótica de gênero. Soihet (2003), aponta que gênero, como categoria de análise, denota o caráter social e cultural que marca as diferenças e as relações sociais entre homens e mulheres.

A família é um aspecto de relevância que essa pesquisa visa tratar, visto que, é no meio familiar que há as principais trocas afetivas, transmissão de ideologias, rituais, valores e atribuições do que é ser mulher, mãe, esposa, enfim, os principais papéis que nos definem como pessoas.

Chodorow (1979), em um estudo feito sobre os papéis femininos, argumenta que os papéis femininos e masculinos exercidos no contexto familiar são passíveis de reprodução em cada geração da família e as mulheres, figuras principais na educação dos filhos, seriam as agentes da transmissão desses papéis. A conjugalidade é uma das esferas da condição feminina que também foi investigada. O papel de esposa é um aspecto importante na identidade de mulheres; ele é aprendido no meio familiar. As atribuições da esposa, ou seja, aquilo que é esperado de mulheres é marcado pelas diferenças de gênero e é transmitido para outras gerações. A modernidade trouxe novas configurações de família em que a conjugalidade é exercida de forma mais flexível, abarcando novos papéis femininos (Hintz, 2007).

Diante dessa realidade, existe uma necessidade de exploração teórica acerca dos fatores facilitadores e dificultadores da escolha do cônjuge, sob a perspectiva sistêmica.

Extremamente relevante também é o processo psicológico que elas vivenciam na tomada da decisão, levando em conta as vivências em sua família de origem.

Para a Psicologia, esta investigação pode contribuir para o entendimento deste fenômeno psicológico na vida destas mulheres que estão passando por transformação devido a escolha do cônjuge.

3. PROBLEMA

Qual o papel que a transgeracionalidade e a vivência na família de origem exercem sobre a escolha do cônjuge?

4. OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

- Investigar o processo de motivação de escolha do cônjuge para mulheres.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os fatores facilitadores e dificultadores no processo de escolha do cônjuge;
- Identificar a atuação da transgeracionalidade que influencia as mulheres a escolher o cônjuge;

5. REVISÃO DE LITERATURA

5.1 A História do casamento: modelos e tendências

Ao longo da história da humanidade, o casamento como instituição, passou por uma série de mudanças.

Segundo Vaitsman (1995), o modelo tradicional de casamento formado pelo pai provedor financeiro e pela mãe dona de casa, unidos até que a “morte os separe” em uma cerimônia legal e religiosa, já não têm tanta ênfase quanto há um tempo atrás (VAITSMAN, 1994). Se, no período romântico, esta era a única forma aceitável de oficializar uma união amorosa, hoje, o casamento tornou-se apenas mais uma etapa, que pode ocorrer ou não em qualquer momento da relação e não representa mais a única forma de evidenciar a estabilidade de uma união conjugal. Dias (2000) enfatiza que, o casamento deixou de ser uma proteção institucional para o vínculo amoroso, pois o período pós-moderno traz como um dos seus traços predominantes uma grande ênfase no individualismo e na autonomia, que coíbe qualquer tendência à dependência simbólica ou material dos valores e exigências das famílias de origem ou de instituições religiosas. Desta forma, criou-se uma divisão entre vida conjugal e casamento pois, duas pessoas podem viver juntas sem se casar, porque a relação não segue uma lógica institucional, mas sim, afetiva. O amor e a satisfação individual na relação tornaram-se os parâmetros da vivência a dois.

O estilo de vida contemporâneo apresenta um conjunto de características quase contraditórias quando confrontadas com os ideais dos relacionamentos estáveis e da instituição casamento tradicional. Para Beck e Beck-Gernsheim (2000 apud GIDDENS, 2004), o casamento hoje encontra-se num estágio em que as regras, tradições e coordenadas de orientação, que antes serviam de parâmetro para as relações pessoais já não se adequam, o que coloca os indivíduos frente a uma série de escolhas que fazem parte do processo de formação, ajustamento e aperfeiçoamento ou dissolução das uniões. Dizem eles: [...] “O fato dos casamentos serem atualmente uniões voluntárias [não mais impostas por motivos econômicos ou obrigações familiares] acarreta tanto novas liberdades como novos constrangimentos”. Os autores afirmam, ainda, que, o nosso século está repleto de sinais conflituosos em que acabam por aparecerem duas ‘biografias de mercado de

trabalho' em vez de uma. Eles apontam com esta expressão o fato das mulheres contemporâneas dedicarem tanto tempo à carreira quanto os homens (BECK ; BECK–GERNSHEIM apud GIDDENS, 2004).

Essas novas configurações dos papéis de gênero trazem ao cenário do casamento, novos tópicos de negociação além dos tradicionais: amor, sexo, filhos e deveres domésticos, mas também assuntos que tratam de negócios, profissões, política e a desigualdade profissional ou salarial. Sendo assim, afirmam os autores, não é surpreendente que o desejo de viver com outra pessoa e ser parte de um casal conviva lado a lado com o antagonismo entre homens e mulheres – a guerra dos sexos - e a explicação para essas tendências antagônicas obtém, como resposta, o amor. Esses autores argumentam que essa 'batalha entre os sexos' configura um drama central dos nossos tempos, que é presenciado e presentificado nos relacionamentos contemporâneos, sendo, ainda, um evidente sinalizador da carência de amor sentida pelas pessoas. Os casais se unem e se divorciam num constante ciclo de términos e recomeços, motivados principalmente pela esperança de um dia viverem um grande romance, que lhes traga uma maior concretização de seus ideais pessoais. Diante da crítica de que o sentimento amoroso representa um argumento muito superficial para o mundo complexo do século XXI, eles respondem: É precisamente por nosso mundo ter-se tornado tão opressivo, impessoal, abstrato e em mudança constante, que o amor se tornou cada vez mais importante. Segundo eles: o amor é um sentimento que favorece com que as pessoas verdadeiramente encontrem-se e ligam-se uns aos outros. Num mundo de incerteza e risco como o nosso, o amor é real e tornou-se uma nova fonte de fé (BECK E BECK–GERNSHEIM, apud GIDDENS,2004).

Para Dias (2000), o casamento não define mais o casal e a vida em comum e, partilhar de uma mesma moradia também não é a única forma de defini-lo. Alguns casais se consideram casados mesmo morando em casas separadas e o inverso também é verdadeiro - pode-se dizer que um casal se define, principalmente, pelo laço afetivo, a partilha de vivências, a qualidade e a intensidade da relação, a felicidade e satisfação de seus membros.

De acordo com Giddens (2004), a questão da coabitação tem vindo a generalizar-se na maioria das sociedades ocidentais. Se, anteriormente, o casamento era a base definitiva da união entre duas pessoas, atualmente isso já não acontece. Hoje em dia talvez seja mais apropriado falar-se em juntar-se

(*coupling*) e separar-se (*uncoupling*). Um número crescente de casais, envolvidos em relações de longa duração, escolhem não se casar e, em vez disso, optam por viver juntos e criar, assim, os seus filhos (GIDDENS, 2004).

A mudança mais importante reside na desvalorização da idéia de casamento como uma relação indissolúvel. Na contemporaneidade, a duração do casamento não tem valor, se um dos cônjuges não continua a dar ao outro as satisfações esperadas. Isso torna as relações mais frágeis, na medida em que, o que as regula é a satisfação pessoal de seus membros. O compromisso nessas relações é condicional, a relação se mantém enquanto for prazerosa e útil aos indivíduos (SINGLY, 2000, apud DIAS, 2000).

O laço conjugal recebe a definição de seus membros segundo seu percurso histórico e sua bagagem emocional compartilhada. Por ser tão privativo, individual e dependente dos contratos simbólicos, explícitos ou não, de cada um dos parceiros é mais frágil e propenso a divórcios, remanejamentos e redefinições. Para Matos (2000, p. 163) a conjugalidade pós-moderna é definida como um núcleo de trocas afetivo-sexuais e um determinado arranjo de vida cotidiana, sendo caracterizada essencialmente por uma não-demarkação de papéis conjugais. Para Magalhães (2003), a conjugalidade é uma dimensão referida à vivência compartilhada dos parceiros, alicerçada na relativa continuidade e estabilidade do vínculo conjugal. Tal dimensão origina-se na trama identificatória dos parceiros, que se encontram imersos numa experiência de forte intensidade, baseada em laços afetivos e na complementaridade. Nessa dimensão, conjugam-se aspectos conscientes e inconscientes dos parceiros. A conjugalidade estrutura-se a partir do encontro amoroso, considerando o pressuposto de que o amor, no ocidente e na modernidade, passou a compor o laço conjugal, sendo considerado fonte de motivação e de manutenção da instituição casamento. O ideal de felicidade conjugal, no imaginário social, relaciona-se ao ideal de amor correspondido e ao encontro da “cara-metade”.

Para Théry (1998 apud DIAS, 2000), o casamento deixou de ser visto como o representante institucional e simbólico do que é um casal ou uma família, na medida em que questões como as opções de casar ou coabitar, divorciar-se ou não, tornaram-se questões puramente individuais. Segundo o autor, é a possibilidade de decidir individualmente quanto à temporalidade do vínculo conjugal que representa a novidade no casamento pós-moderno e não o aumento da ênfase no sentimento e

na afetividade. “O ‘descasamento’ e o recasamento introduzem novos desafios para os indivíduos e para a formação dos seus laços familiares”.

As condições pós-modernas, ao favorecerem a inexistência de um modelo único de relacionamento, possibilitam vários arranjos conjugais e familiares, tais como: famílias compostas por recasados, divorciados, coabitantes, monoparentais, arranjos considerados impróprios há algum tempo atrás. Desde os anos 60 e 70, a instituição do casamento e a distribuição rígida e hierarquizada de papéis, segundo o sexo dos parceiros foi questionada, criticada e, diante das insatisfações resultantes, foi acompanhada de várias mudanças sociais. Em contextos em que o individualismo se expandiu e as hierarquias de gênero foram abaladas, homens e mulheres, diante de situações de vida instáveis, fragmentadas e que mudam a um ritmo acelerado, flexibilizam seus comportamentos. Os discursos, pretendendo normatizar de forma universalizante os comportamentos afetivo-sexuais e as práticas de família e casamento, não desapareceram. Agora, porém, convivem com outros tipos de discursos, muito mais voltados para o presente e que reconhecem o sentido de efemeridade e contextualidade das situações individuais como um fato, pragmaticamente (VAITSMAN, 1995).

Para Jablonski (2001), na análise do *background* social relacionado ao casamento atual podem-se ressaltar alguns marcos: a instituição do divórcio, o movimento feminista e suas conseqüências - tais como a entrada da mulher no mercado de trabalho, casamentos mais tardios, diminuição do número de filhos e um crescente aumento no conflito gerado pela busca de igualdade de direitos; a desvalorização da religião como responsável pela manutenção do vínculo matrimonial, na medida em que esta perdeu o seu poder como instituição reguladora; o avanço tecnológico evidenciado pela criação e difusão da pílula anticoncepcional, a Internet, inovações eletrodomésticas que diminuíram o tempo gasto em atividades dentro do lar e disponibilizaram mais tempo para tarefas fora do lar, o celular, televisão a cabo, DVDs e demais aparelhos eletrônicos, que melhoraram ou dificultaram a comunicação e interação dentro do lar. Por último, o autor cita o aumento do individualismo e da longevidade – que tornou sem sentido a frase do juramento matrimonial das últimas décadas (até que a morte os separe)-afinal, não só os casamentos não têm durado tanto tempo assim, como a expectativa de vida dos idosos é atualmente muito maior do que no passado. Em uma pesquisa feita com 152 respondentes do questionário aplicado em indivíduos

da classe média carioca, sendo 60 homens (37 casados e 23 separados) e 92 mulheres (sendo 60 casadas e 32 separadas), (JABLONSKI, 2003) chegou a algumas conclusões que são importantes para o tema deste trabalho. As mulheres ressaltaram menor tolerância às frustrações, maiores queixas e maior possibilidade de divorciarem-se. Ficou patente nesta pesquisa que a 'primazia do descartável' é a tônica dos relacionamentos na pós-modernidade.

Para Macfarlane (1990), a relação do amor com a cultura surge como um vínculo de dependência para com a dinâmica do capitalismo. O desejo de posse sobre objetos no mercado de consumo não é diferente do desejo de ter ou possuir completamente outro ser humano. Pode-se dizer da sedução que exerce o objeto de amor que esta diretamente proporcional à sede de posse de quem deseja amar. Segundo o autor, a mesma publicidade que reforça a venda de bens de consumo reforça as paixões entre as pessoas.

De acordo com Giddens (1992), os ideais românticos foram pulverizados paulatinamente, principalmente diante da pressão dos movimentos feministas pela autonomia e emancipação da mulher. A noção de amor que se sustenta atualmente nos vínculos conjugais, segundo esse autor, é a de um amor contingente, fundamentado na procura pelo relacionamento especial em detrimento da busca pela pessoa ideal. Esse amor 'pós-moderno'. Giddens denominou 'amor confluyente', descrevendo-o através das seguintes características: igualdade sexual e emocional dos parceiros, trocas afetivas e satisfação recíproca, constantes avaliações da continuidade e qualidade do vínculo. Esta relação vale por si mesma e só permanece diante da percepção, de ambos os parceiros, de nela alcançarem suficiente prazer e satisfação afetivossexual no qual a sexualidade está no centro do vínculo amoroso e tem o poder de decidir a manutenção e a dissolução deste. Assim, há um interesse compartilhado pelos cônjuges em aumentar as suas habilidades e informações sexuais através de inúmeros recursos, tais como: terapia, treinamento e instrumentos outros dentro desta área. O 'amor confluyente' pressupõe um ideal de sociedade, na qual homens e mulheres têm direito a se tornarem sexualmente realizados. Desaparece a dicotomia comum nos séculos do romantismo, e prevalece a promessa de intimidade, igualdade e autonomia no relacionamento. As peculiaridades individuais de cada parceiro são levadas em conta e estes devem se adequar ao percurso de desenvolvimento de cada um. Apesar dessa tendência a uma visão igualitária no terreno da sexualidade, no Brasil

– dentre outros países – ainda prevalece uma dupla-moral sexual. De acordo com Giddens (1992), nas últimas décadas os homens têm se deparado com informações sobre as mulheres, que durante séculos não existiram: o passado sexual da mulher. Quando a sociedade passou a exigir a virgindade feminina e vinculou rigidamente a sexualidade feminina ao casamento, as mulheres só podiam vivenciar sua sexualidade a partir do casamento e com seus maridos. As que fugiam dessa norma pagavam um preço muitas vezes alto. Atualmente as mulheres, em sua maioria, quando se envolvem em um relacionamento amoroso já possuem alguma experiência sexual prévia. As repercussões dessa informação são vivenciadas de formas conflitantes por muitos homens. Dependendo da classe, do nível educacional, da raça, da etnia, da cultura e do momento sócio-histórico vivido pelo homem, a experiência sexual prévia de uma mulher pode desencadear comportamentos distintos, seja uma menor motivação para estabelecer um relacionamento estável, seja a desvalorização da mulher – podendo chegar até a uma situação de violência. Vários fatores podem explicar esses comportamentos masculinos. Um deles é o receio de ter o seu desempenho sexual comparado com o de outros homens. Outro é a adesão rígida por parte do homem a modelos e papéis de gênero estereotipados.

A verdade é que, mesmo que de forma processual e ainda em curso, as mulheres conquistaram a possibilidade de igualdade da prática sexual e isso implica ajustes para os homens com quem se relacionam. Diehl (2002) também examina essa problemática e considera que o homem de hoje se sente inseguro ante o posicionamento feminino de independência emocional e financeira que se reflete na imagem de segurança que a mulher tem passado. Essa imagem, somada à exigência do bom desempenho sexual e a divisão de poder, com frequência, estão fazendo com que o homem perca o interesse sexual e em alguns casos, a ereção. Para o autor, as dificuldades sexuais masculinas aumentaram consideravelmente diante da pressão sofrida, para que tenham um desempenho sexual satisfatório e diante do medo de falhar. Fica uma dúvida provocadora: as dificuldades podem ter começado agora, mas podem também refletir o fato de que antes elas não podiam ser detectadas pela falta de experiência sexual feminina e pelo tabu em discutir esse assunto, seja no contexto da relação seja no contexto social. Dias (2000) complementa a noção de amor 'confluyente' sugerida por Giddens (1992) ao descrever, sobre o casamento pós-moderno, algumas características determinantes.

A saber, é principalmente baseado na busca da felicidade, satisfação e amor. O desejo intenso de estar com o outro motiva o casamento e determina a escolha do parceiro, pois, os indivíduos esperam encontrar nestes relacionamentos uma compatibilidade afetiva, sexual e intelectual, fatores que determinarão a continuidade do vínculo. A compatibilidade sexual é vista como índice que determina a qualidade, permanência e saúde da relação, índice seriamente observado com expectativa e questionamentos já que as baixas no desejo sexual podem ser encaradas como algo que não vai bem na relação ou com os parceiros nela envolvidos.

Há algum tempo – no modelo de casamento tradicional – as pessoas eram fiéis à família e a projetos comuns. Projetos e desejos individuais eram secundários quando comparados aos projetos e interesses do grupo familiar. Hoje, a fidelidade está voltada para a própria pessoa, em um movimento no qual os desejos e projetos individuais não podem ser traídos ou negligenciados. São posicionamentos quase antagônicos, nos quais vemos mais uma vez as influências pós-modernas na concepção de relações interpessoais refletirem em novos modelos de conjugalidade, que quase não suporta a responsabilidade pelas escolhas dos indivíduos.

Na onda dos relacionamentos flexíveis com novos arranjos de tempo de convivência provisórios surgem os CSSs – “Casais semi-separados” - tidos por alguns especialistas como “revolucionários do relacionamento”, por romperem com a referida asfixiante bolha do casal e seguirem seus próprios caminhos. Sua convivência é em tempo parcial. Evitam o costume tradicional de compartilhar o lar e as atividades domésticas, preferindo manter domicílios, contas bancárias e círculos de amizades separados, e estarem juntos quando estão com vontade (BAUMAN, 2004). Assim, o casamento ao estilo antigo, só rompido pela morte, já desestabilizado pela coabitação 'vamos ver se dá certo' - reconhecidamente provisória - é substituído pelo 'ficar junto', de horário parcial ou flexível. Uma espécie de reedição do 'ficar' adolescente feito para maiores.

Perlin e Diniz (2005) destacam que, diante da presença dos modelos de família/casamento atuais tão diferentes do modelo tradicional romântico que aprenderam com seus pais, os casais enfrentam inúmeras dificuldades tais como: adoção de padrões inadequados de resposta ante situações conhecidas ou novas; dificuldade em adequar o comportamento às normas sociais antigas e novas; reprodução de modelos antigos; adoção de padrões tradicionais em momentos de crise ou mudanças no ciclo de vida familiar; dificuldade em negociar alternativas de

resolução de conflitos; repetição acrítica de paradigmas; atitudes e discursos contraditórios em diferentes ambientes; dificuldade em manter uma relação igualitária e justa – dois pesos e duas medidas.

Afinal, o casamento do Romantismo é perfeito apenas nas novelas e filmes, mas se na realidade o príncipe encantado sofre de impotência ou é dependente de drogas e se a princesa envelhece e acha que precisa de plásticas constantes e aplicações de botox para manter a aparência juvenil, o romantismo desaparece, pois não sobrevive à crua realidade com suas limitações, problemas e constantes frustrações aos sonhos de uma união perfeita e ideal de completude amorosa: crença ilusória na eternidade do vínculo amoroso, nada compatível com este sentimento efêmero e as perdas e despedidas inevitáveis a qualquer relacionamento deste século.

Apesar do clima de instabilidade e de mudança, algumas pesquisas têm mostrado resultados em que homens e mulheres parecem estar se adaptando e resignificando o casamento – atualizado subjetiva e socialmente. Assim, a sociedade passou por um período no qual o casamento foi visto como uma instituição falida passou por momentos de reformulações e adaptações e parece esboçar uma retomada do casamento com uma nova e flexível roupagem. As pessoas se mostram motivadas a estabelecerem relacionamentos conjugais estáveis, mostram-se empenhadas em construir uma durabilidade dos laços conjugais, mas de formas diferentes e com finalidades diferentes. Apesar da mudança, observamos que isso se dá em um contexto muito flexível e dinâmico, com convivências muitas vezes contraditórias do que é visto como tradicional e do que é visto como atual ou emergente (PERLIN; DINIZ, 2005).

O casamento sofreu um abalo, foi questionado e atualizado, e parece estar retornando dentro da idéia da espiralidade da história da humanidade, todavia não está livre de desafios.

Para Jablonski (1996) um dos principais elementos responsáveis pela crise do casamento contemporâneo é a idealização do amor-paixão. Para ele, o relacionamento amoroso pode ter início em uma torrente de paixão, mas para durar e sobreviver deve desenvolver-se no sentido do companheirismo. O problema é que, para muitas pessoas, isso não é possível, pois, ao perceberem o declínio da sua paixão pelo/a companheiro/a, começam a questionar os sentimentos e/ou dissolver os seus casamentos. Para essas pessoas, o declínio não é visto como uma

mudança no sentimento ou como mais uma etapa do processo de desenvolvimento relacional, mas sim como uma evidência de que o amor acabou. Não conseguem perceber, como afirma Jablonski, que se o amor-paixão é o responsável pelos casamentos atuais, é ao amor-companheiro que cabe a missão de mantê-los. Mas como a cultura dos séculos XX e XXI qualifica o primeiro como o símbolo do verdadeiro amor, as dificuldades conjugais não demoram a aparecer. O mesmo autor acredita que, nesse sentido, o amor pode ser a causa tanto da união quanto da desagregação do casamento contemporâneo. Sustentar um casamento sobre um sentimento idealizado e efêmero é ignorar que a união conjugal, com todas as suas implicações, dificuldades, renúncias e obrigações, requer uma edificação sobre bases sólidas e firmes. Não apenas em termos de sustentação das dimensões pessoais, didáticas e sociais envolvidas no casamento, mas sobretudo pela característica extremamente arenosa e desafiadora da contemporaneidade.

Paradoxalmente, o casamento – ou a união conjugal estável – representa uma construção em um momento social de desconstruções e reconstruções. Afinal, depois do “felizes para sempre” de toda história de amor, vem o dia-a-dia rotineiro e prático que demanda muito mais que juras de amor, poesias e noites ao luar. Cabe a esses homens e mulheres tornarem-se homens e mulheres sem fantasias e idealizações impossíveis, mas companheiros de jornada e de batalha pela sobrevivência e manutenção do vínculo e/ou da vida

conjugal. Nesse sentido, a adoção de modelos ideais de casamento pode ser um obstáculo para a qualidade relacional dos casais, pois na medida em que não conseguem atingi-lo ou que surjam problemas que estão fora do repertório conhecido de resoluções, o casal se vê perdido, anormal e patológico.

Para Andolfi (2002), a distância entre o casamento real e o modelo hegemônico de casamento feliz, representa um problema no qual o casal moderno sofre por não se sentir à altura da própria tarefa porque quer viver de acordo com a imagem ideal: harmonia, união e firmeza, em uma época em que se vê obrigado a acrescentar os ideais da sociedade pós-industrial: eterna juventude, sucesso pessoal e profissional, riqueza e, a integração de valores, tais como a responsabilidade para com os outros e o respeito para consigo mesmo, em um contexto de crescimento e intercâmbio entre iguais. Segundo o autor, pesquisas têm mostrado que em toda união conjugal existem dois casamentos: o dele e o dela, que

nem sempre coincidem, o que pode tornar difícil a tarefa de um relacionamento satisfatório.

5.2 - A escolha do cônjuge segundo a abordagem sistêmica

Somos indivíduos e, como tal somos únicos. Escolher alguém para que possamos compartilhar a vida é relevante no que se refere aos estudos sobre família.

Berthoud e Bergami (1997) relatam que é possível prever o ajustamento conjugal de um novo casal, quando se consegue perceber os motivos da união, e ainda as circunstâncias nas quais ela ocorre.

A escolha do cônjuge acaba sendo apoiada em expectativas que muitas vezes, podem não serem supridas. A consequência da frustração das fantasias pode gerar insatisfação ou a ameaça do rompimento da relação.

Berthoud e Bergami (1997) apontam alguns fatores que podem dificultar o ajustamento do casal, tais como: uniões que acontecem logo após os parceiros se conhecerem; depois de uma perda significativa; casamentos que ocorrem para que um dos membros ou ambos se distancie da família; os cônjuges que apresentam famílias de constelações muito diferentes; parceiros muito novos e que se casam por pressão social; uniões que ocorrem com menos de seis meses de convivência; casamentos devido a noivados com mais de três anos ou quando os rituais são considerados sem importância, nos quais não há um rito de passagem.

Para Anton (2012) não há parceria que se forme sem uma intenção individual, sendo profunda e desencadeadora de grandes efeitos, e muitas vezes parcial ou totalmente desconhecida por ambos os envolvidos. Nossos relacionamentos íntimos representam o fechamento de um círculo, em que teve seu início ao sermos concebidos e a relação de vínculo primário. Na vida, cada um de nós, passa a estabelecer novas relações sumamente estreitas e a produzir nossos próprios frutos, sendo marcada por experiências que são, ao mesmo tempo, universais e únicas. Uma pessoa não pode, por exemplo, escolher seus pais ou sua bagagem genética, mas cabe-lhe definir-se, perante os estímulos que recebe, integrando os de origem externa com os de origem interna. Nesse sentido, pode-se afirmar que, o homem é o autor de sua própria história e que também vai encaminhar-se de acordo com a

bagagem inconsciente, cuja influência é extremamente poderosa, sendo que na medida em que alguém não se conhece e não tem adequadamente elaborados os seus conflitos infantis, neuróticos, inconscientes, cai facilmente nas armadilhas que armou, tornando-se prisioneiro de si mesmo. Diz ela:

Um psicoterapeuta observa, em inúmeros casos, como os pacientes vão, gradativamente, modificando sua história, ao se conhecerem melhor e ao travarem melhores relações consigo mesmos e com seus objetos internos. Parece que se aperfeiçoa a integração entre estas duas faces da mente, ou seja, entre emoção e razão. Esta é a mola mestra. A relação de um ser humano com outro ser humano e tudo o que ele faz na vida derivam sempre das relações que estabelece com o próprio self; ou seja, de seus registros pessoais, de suas crenças e dos recursos que desenvolveu, integrando sua bagagem genética com seus diferentes modelos e níveis de aprendizagem. (ANTON, 2012, p.19)

Ao estudar a psicologia pode-se observar como passado, presente e futuro se entrelaçam e estão permanentemente ligados. Essa conexão pode ser profundamente examinada através da psicanálise e em uma psicoterapia de orientação analítica pois ambas focalizam o indivíduo sob o prisma de seu mundo interior. Já a abordagem sistêmica, busca especialmente o que se passa nessas relações, levando essas pessoas a assumirem papéis e funções que as influenciam decisivamente em suas escolhas e no desenrolar de suas histórias em comum. Tais elos entre passado, presente e futuro, entre o adulto e a criança que existem dentro deste adulto, entre homem e mulher; entre razão e emoção nos faz refletir que por mais que tenhamos muito em comum, somos, no máximo, semelhantes.

Segundo Munhoz (2000) os parceiros precisam ter conhecimento das expectativas pessoais e implícitas que os levam a se aproximarem. A clareza das regras que motivaram a união possibilitará maior compreensão dos mecanismos presentes na relação, evitando frustrações que podem levar à quebra do relacionamento. Desta forma, a relação se baseará numa visão mais realística do casal, o que fortalece a superação das dificuldades e diferenças.

Para Satir (1980) a autoestima pode influenciar na escolha do cônjuge. Segundo a autora, uma pessoa que tem autoestima reduzida tem sentimentos intensos de ansiedade e incerteza e baseia-se naquilo que ela acha que as pessoas pensam ao seu respeito, estrangulando assim sua autonomia e individualidade. A baixa autoestima deriva das experiências vividas na fase de crescimento, as quais nunca a levaram a sentir que é bom ser uma pessoa de um determinado sexo com

relação a uma pessoa de outro, nutrindo fortes ilusões com respeito ao que pode esperar dos outros. Seus relacionamentos, em muitos aspectos, repetirá ou assumirá uma posição oposta ao relacionamento que viam existir entre seus próprios pais.

5.3 Fatores externos: Questões histórico-culturais que permitiram o desenvolvimento do comportamento da Mulher

A problemática da criação das categorias de homem e mulher, masculino e feminino, remete-nos a um longo e complexo processo histórico. De fato, a constituição de um discurso sobre a diferença sexual, na história do Ocidente, data do final do século XVIII. Com o advento da Revolução Francesa, momento em que foi proclamada a igualdade dos direitos, tornou-se necessário justificar a inferioridade das mulheres. A ciência aparece, nessa época, a serviço da cultura, com o objetivo de fundamentar a inferioridade das mulheres em sua própria natureza. Para isso foi instituído o *two-sex model*, um modelo que estabelece uma distinção ontológica e horizontal entre os sexos. Esse modelo surge em oposição ao modelo inspirado na filosofia neoplatônica de Galeno, em que os sexos eram concebidos hierarquicamente e regulados pelo modelo masculino. Nele não encontramos os sexos divididos segundo a sua anatomia, ao contrário, os sexos são ligados por uma anatomia comum. No *one-sex model*, que dominou o pensamento anatômico durante dois mil anos, as mulheres eram concebidas como um homem invertido e imperfeito. Elas possuíam exatamente os mesmos órgãos que os homens, porém em lugares errados, devido à falta de calor vital. Entretanto, tal concepção não significava que homens e mulheres fossem confundidos. A diferença entre mulheres e homem era percebida, porém não era explicada através do critério da diferença sexual.

Existia apenas um sexo, para Galeno, que se diferenciava pelo grau de calor vital. Melhor dizendo, a ordenação das noções de homem e mulher remetia ao "grau de perfeição metafísica" em que o "telos é masculino." O calor vital seguiria uma verticalidade hierárquica, em que as fronteiras entre macho e fêmea são de grau, não de gênero, e os órgãos de reprodução são apenas um signo, entre outros, do lugar do corpo na ordem cultural que ultrapassa a biologia. Esse modelo dominou a reflexão sobre a diferença sexual desde a Antiguidade Clássica até o fim do século

XVIII, embora as representações sobre os gêneros masculino e feminino tenham mudado, sobretudo por influência do cristianismo (NUNES, 2000).

O modelo do sexo único cede lugar, no final do século XVIII, ao novo modelo do dimorfismo radical, de divergência biológica, em que os registros anatômicos e fisiológicos constituíram a base para fundamentar uma diferença de essência entre o homem e a mulher. Nesse cenário, cria-se um conjunto de argumentos políticos, filosóficos, moralistas e científicos que sustentavam categoricamente que todos os homens eram iguais, com exceção de alguns "naturalmente inferiores." No caso da mulher, a desigualdade será encontrada no sexo, que deixa de ser sinônimo de aparelho reprodutor. A diferença se manifestará na esfera do prazer, na constituição nervosa e óssea (ARÁN, 2003).

Os órgãos reprodutivos, especialmente o útero, serviram de fundamento para uma incomensurável diferença. O ventre, anteriormente concebido como forma negativa dos órgãos masculinos (inferior, imperfeito, invertido), adquire positividade na medida em que é sede da reprodução da espécie e da constituição da família. A mulher é valorizada pelos seus atributos maternos e negligenciada em seu prazer sexual. Delineia-se a separação entre prazer sexual e reprodução. Desta maneira, a sexualidade feminina começa a ser definida como original e radicalmente diferente da do homem e as fronteiras que demarcam o espaço público ligado ao masculino ficam cada vez mais nítidas.

No que concerne aos ossos, até o final do século XVIII o esqueleto humano apresentava-se apenas na versão masculina. Em 1798 aparece o primeiro desenho do esqueleto feminino como prova de legitimação da desigualdade social e política entre os sexos. As partes do corpo feminino escolhidas para o esquadramento são o crânio menor e a bacia pélvica maior. O primeiro é utilizado para provar que as mulheres eram intelectualmente inferiores, devendo se afastar da vida pública. O segundo confirma pela anatomia que a mulher é destinada à maternidade e à vida privada (LAQUEUR, 1992).

Em relação aos nervos, podemos observar a presença do sexo para balizar a incapacidade das mulheres para assumir funções político-econômicas, reservadas para o homem. A mulher era hipersensível. O seu encéfalo, sede do componente afetivo, era mais influenciado pelas paixões do que o encéfalo do homem. A predisposição da mulher à histeria emanava da suscetibilidade característica de seus nervos. A origem sexual da histeria vai migrar para os nervos e para o prazer

sexual, pois, ao invés de sede da doença, o útero passará a sede da saúde dos indivíduos e da população, uma vez que dele dependiam a reprodução, a constituição da família e a regulação da política populacional (COSTA, 1995).

Desta forma, podemos afirmar que a invenção do *two-sex model* foi uma consequência político-econômico-moral das exigências feitas à mulher e ao homem pela sociedade burguesa (FOUCAULT, 1997). Esses ideais de masculinidade e feminilidade foram sendo forjados e culminaram, dentre outras mudanças, na separação radical do trabalho e da família. Ascendia um sentimento novo: o de privacidade e intimidade familiar. Com a reorganização da casa, a reforma dos costumes e a exclusão dos criados, clientes e amigos, a família foi reduzida aos pais e às crianças. Cada vez mais recluso na casa e seguindo os progressos da vida privada, o sentimento de família era agora reconhecido e exaltado por seus membros. Quanto mais a mulher se tornava íntima do espírito sentimental familiar e das demandas cotidianas deste, mais o homem vivia na rua, no meio de comunidades de trabalho, de festas, de cerimônias e – de certo ponto de vista – se afastava desse espírito de intimidade privada, circunscrito ao lar (ARIÈS, 1981).

Tendo permanecido, por muito tempo, excluídas do espaço de circulação do poder da esfera pública, ao se inserirem nas diversas manifestações do escrito – através das correspondências, literatura e imprensa (jornais e revistas) –, as mulheres acabaram atingindo e exercendo alguma influência sobre esse espaço. Consideradas manifestações do privado, as cartas pessoais, juntamente com as autobiografias e os diários, tinham sua escrita associada às mulheres, produzindo um gênero literário posteriormente conhecido como Literatura do Íntimo (GONÇALVES, 2006). Nessa perspectiva, as mulheres do final do século XIX e início do século XX moviam-se mais do que se pode imaginar e detinham um diferente tipo de poder, que era conferido com exclusividade ao ambiente privado.

Os estereótipos de mulher – esposa – mãe – dona de casa e anjo do lar, apesar de fortemente presentes nos séculos XIX e XX, não eram universalmente válidos e variavam de acordo com a camada social. Gomes (2008) afirma que a mulher brasileira comportava-se de acordo com sua classe social e que as mulheres de classe menos favorecida conheceram o trabalho físico e árduo, embora tivessem maior liberdade pessoal. Desse modo, a improdutividade da mulher em relação ao homem e ao espaço público funcionava como um dispositivo para distinguir as

camadas sociais e apontar para a distância e diversidade social das classes superiores e médias em relação às classes laboriosas (LIPOVETSKY, 2000).

A partir da segunda metade do século XIX o processo de industrialização abriu um leque de possibilidades de trabalho bem mais amplo, e por serem as mulheres destinadas ao lar, esses trabalhos foram assumidos pelos homens, ao mesmo tempo em que o processo de urbanização passou a favorecer a extensão do trabalho feminino assalariado, fazendo com que as mulheres passassem a ocupar os cargos deixados pelos homens e a ganhar um salário, como operária ou como professora.

Simultaneamente, no momento em que a industrialização nascente confere oportunidades de trabalho à mulher, os discursos vigentes enfatizam a possibilidade de degenerar a família, considerando o investimento profissional feminino como degradante e contrário à vocação natural da mulher (PERROT, 1995). Principalmente para a burguesia, o assalariamento feminino causava espanto e era tido como sinal de pobreza, uma vez que a mulher só deveria trabalhar se o marido não pudesse suprir as necessidades da família (LIPOVETSKY, 2000). Reconhecer o trabalho assalariado feminino significaria concordar com certo fracasso por parte do homem no cumprimento de seu dever de providenciar o sustento financeiro do seu lar. Admitir a mulher como indivíduo autônomo e independente seria equivalente a desnaturalizá-la, a precipitar a ruína da ordem familiar, a gerar confusão entre os sexos. Logo, sendo a identidade de gênero uma categoria relacional, questionar a natureza de um polo significaria, de igual modo, pôr em dúvida a do seu outro; ou seja, ao se desnaturalizar o polo feminino se colocaria em xeque a supremacia do polo masculino.

Juntamente com os movimentos sociais e as políticas de identidade, a escola e as transformações dos grandes setores de atividade econômica estiveram entre os principais fatores que contribuíram para precipitar o declínio do estereótipo da esposa-mãe-dona de casa, e promover o investimento feminino nos papéis sociais da vida profissional. Mais uma vez, as relações familiares e os papéis desenvolvidos por homens e mulheres foram modificados.

A nova cultura centrada no prazer, no lazer e na livre escolha individual desvalorizava o modelo de vida feminina mais voltado para a família do que para si mesma, legitimando os desejos de viver para si e desqualificando o modelo da "perfeita dona de casa." Quanto mais crescia a oferta de objetos, de serviços e de

lazer, mais se intensificava a exigência de aumentar os rendimentos da família, a fim de estar à altura do ideal consumista. Com uma economia baseada no estímulo e na criação incessante de novas necessidades, o trabalho feminino veio a se tornar fonte de rendimento necessária à participação da mulher e da família nos sonhos da sociedade de consumo e abundância (LIPOVETSKY, 2000).

No Brasil, segundo Losada e Rocha-Coutinho (2007; p.494), "o crescente empobrecimento das camadas médias, aliado ao aumento das despesas com educação dos filhos, saúde e outras necessidades consideradas básicas, impulsionou, especialmente nos anos 1980, as mulheres casadas a buscar um trabalho fora de casa."

6. MÉTODO

O presente trabalho desenvolvido seguiu os preceitos do estudo exploratório, por meio de pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2008, p.50) “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”. A pesquisa bibliográfica pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

O trabalho foi realizado por meio de uma análise bibliográfica de literatura já publicada no meio acadêmico entre os anos de 2003 a 2018, o que proporcionou familiaridade com o tema a partir de diferentes abordagens.

A pesquisa bibliográfica consistiu em analisar as fontes secundárias que abordaram, de diferentes maneiras, o tema escolhido para estudo.

6.1 COLETA DE DADOS, POPULAÇÃO E AMOSTRA DA PESQUISA.

Os trabalhos foram pesquisados na base de dados: IBICT/BDTD (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações).

O período amostrado foi de 2003 a 2018, através do descritor: escolha do cônjuge.

Foi identificado o total de 58 trabalhos, contudo, após a leitura seletiva e classificação, verificou-se que apenas 06 desses trabalhos atendiam a proposta desta pesquisa.

6.2 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS

O material encontrado foi analisado qualitativamente por meio de leitura exploratória e seletiva. Foi categorizado de acordo com os tópicos selecionados, sendo: ano de publicação, autor, área de conhecimento, tema, objetivo, tipo de pesquisa, tipo de trabalho, amostra, população amostra, instrumento, base teórica e principais conclusões.

7. RESULTADOS

Nos quadros de 1 a 6 serão apresentadas as pesquisas identificadas no Banco de Teses do IBICT/BDTD de acordo com a organização cronológica.

Para investigarmos esse tema foi adotado como paradigma o pensamento sistêmico, que significa compreender o ser humano e suas relações como um sistema que, entre outros sistemas, forma uma trama complexa, em construção permanente em contextos específicos, culminando com a escrita de histórias genuínas (CERVENY; OLIVEIRA; LIMA, 2011).

QUADRO 1: PESQUISA 1

ANO	2013
AUTOR	PRISCILLA SOARES DE FRANÇA
TÍTULO DO TRABALHO	AMOR COMO MEDIDA DE SATISFAÇÃO MARITAL
TIPO DE TRABALHO	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
OBJETIVO	CARACTERIZAR A SATISFAÇÃO MARITAL DE HOMENS E MULHERES ENVOLVIDOS EM UM RELACIONAMENTO ESTÁVEL, UTILIZANDO COMO REFERÊNCIA O VÍNCULO AFETIVO QUE OS UNE.
TEMA E FOCO	CONJUGALIDADE, VÍNCULO AFETIVO
TIPO DE PESQUISA	EXPLORATÓRIA
INSTRUMENTO	QUESTIONÁRIO FECHADO- ESCALA MARQ
POPULAÇÃO AMOSTRA	176 PESSOAS EM RELACIONAMENTO ESTÁVEL
BASE TEÓRICA	PSICOBIOLOGICA
PRINCIPAIS CONCLUSÕES	FOI CONSTATADO CORRELAÇÕES NEGATIVAS ENTRE VÍNCULO EMOCIONAL, IDADE E TEMPO DE RELACIONAMENTO E, CORRELAÇÕES POSITIVAS ENTRE NÍVEL DE AMOR ROMÂNTICO, SATISFAÇÃO SEXUAL E PROXIMIDADE COM O PARCEIRO.

Fonte: IBCT

QUADRO 2: PESQUISA 2

ANO	2011
AUTOR	ADRIANO VOLNEI ZAGO
TÍTULO DO TRABALHO	UM ETUDO SOBRE A ESCOLHA AMOROSA DE MULHERES POR HOMENS NA CONDIÇÃO DE PRESIDÁRIO
TIPO DE TRABALHO	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
OBJETIVO	COMPREENDER E ANALISAR AS RAZÕES IMPLICADAS NUMA ESCOLHA OBJETAL ESPECÍFICA, REPRESENTADA POR MULHERES QUE ESCOLHEM O PRESIDÁRIO PARA INICIAR E MANTER UM RELACIONAMENTO AMOROSO
TEMA E FOCO	ESCOLHA, PASSIONALIDADE
TIPO DE PESQUISA	EXPLORATÓRIA
INSTRUMENTO	QUESTIONÁRIO FECHADO
POPULAÇÃO AMOSTRA	275 MULHERES
BASE TEÓRICA	PSICOLOGIA
PRINCIPAIS CONCLUSÕES	A ESCOLHA OBJETAL SEGUINDO DOIS MOTIVOS BÁSICOS: OS CONSCIENTES(CONTEXTO SOCIOCULTURAL, ATRAÇÃO FÍSICA, AFINIDADES, NÍVEL CULTURAL) E, OS INCONSCIENTES COM BASE NA PRIMAZIA INFATIL, TRAZENDO UMA POSSIBILIDADE DE CAPTAR NO OUTRO MANEIRAS PARA SE ELABORAR OS SEUS COMPLEXOS E NECESSIDADES INTERNAS, DERIVADAS SOBRETUDO DA INFÂNCIA.

Fonte: IBCT

QUADRO 3: PESQUISA 3

ANO	2010
AUTOR	GABRIELA QUADROS DE LIMA
TÍTULO DO TRABALHO	HISTÓRIA DE VIDA E ESCOLHA CONJUGAL EM MULHERES QUE SOFREM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
TIPO DE TRABALHO	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
OBJETIVO	COMPREENDER A POSSIBILIDADE DA ESCOLHA DO CÔNJUGE EM PADRÕES REPETITIVOS DE RELACIONAMENTO E POSSIBILITAR A AQUISIÇÃO/TRANSFORMAÇÃO DE RECURSOS INTERNOS, CAPAZES DE MOVER O INDIVÍDUO PARA A SATISFAÇÃO CONJUGAL.
TEMA E FOCO	ESCOLHA DO CÔNJUGE, REPETIÇÃO
TIPO DE PESQUISA	EXPLORATÓRIA
INSTRUMENTO	ENTREVISTAS ESTRUTURADAS
POPULAÇÃO AMOSTRA	12 MULHERES MAIORES DE 18 ANOS
BASE TEÓRICA	PSICOLOGIA
PRINCIPAIS CONCLUSÕES	DESENTENDIMENTOS DOS PAIS, DISCUSSÕES VERBAIS CARREGADAS DE AGRESSIVIDADE E, ATÉ MESMO A VIOLÊNCIA FÍSICA, SÃO NARRADAS PELAS PARTICIPANTES COMO UM DOS MOMENTOS MAIS MARCANTES DAS SUAS VIDAS. NO ENTANTO, O SOFRIMENTO VIVENCIADO GANHA DESTAQUE COM O FATO DE ESTAS MULHERES EXPERIMENTAREM SITUAÇÕES DE VIDA, DESDE A FAMÍLIA DE ORIGEM, MARCADAS PELA INTENSA DESARMONIA E, PRINCIPALMENTE, MARCADA PELO DESAMPARO. PERDAS E ABANDONOS SE MOSTRARAM MUITO COMUNS NA CONVIVÊNCIA FAMILIAR REPETINDO-SE O PADRÃO AO LONGO DA VIDA.

Fonte: IBCT

QUADRO 4: PESQUISA 4

ANO	2010
AUTOR	MARIANA SERAFIM XAVIER ANTUNES
TÍTULO DO TRABALHO	ITINERÁRIOS DA VIDA DE SOLTEIRA: RAZÕES E SENTIDOS EM PROJETOS DE VIDA DE MULHERES SOLTEIRAS À LUZ DO SINTAGMA IDENTIDADE-METAMORFOSE-EMANCIPAÇÃO
TIPO DE TRABALHO	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
OBJETIVO	IDENTIFICAR Á LUZ DO SINTAGMA IDENTIDADE-METAMORFOSE-EMANCIPAÇÃO; IDENTIFICAR MOVIMENTOS DE SUPERAÇÃO DAS CONDIÇÕES RESTRITIVAS, POR INTERMÉDIO DE UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.
TEMA E FOCO	IDENTIDADE, RELAÇÕES CONJUGAIS
TIPO DE PESQUISA	EXPLORATÓRIA
INSTRUMENTO	ENTREVISTAS NÃO ESTRUTURADAS
POPULAÇÃO AMOSTRA	3 MULHERES RESIDENTES NA CIDADE DE SÃO PAULO
BASE TEÓRICA	PSICOLOGIA
PRINCIPAIS CONCLUSÕES	CONCLUI-SE QUE MULHERES AINDA SE PREOCUPAM PELO FATO DE QUE TER UM COMPANHEIRO SEM QUE PRECISEM NEGAR SUAS CONQUISTAS. RECEIAM NÃO RECEBER APOIO DE ALGUÉM QUE A POSSA ACOMPANHAR EM SUAS METAMORFOSES.

Fonte: IBCT

QUADRO 5: PESQUISA 5

ANO	2008
AUTOR	LETÍCIA ALMEIDA NUNES
TÍTULO DO TRABALHO	EXPECTATIVAS DE JOVENS SOLTEIROS UNIVERSITÁRIOS FRENTE AO CASAMENTO : UM ESTUDO DESCRITIVO
TIPO DE TRABALHO	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
OBJETIVO	COMPREENDER AS MUDANÇAS QUE ESTARIAM OCORRENDO NOS RELACIONAMENTO E PRINCIPALMENTE NO CASAMENTO.
TEMA E FOCO	RELACIONAMENTOS, ESCOLHAS
TIPO DE PESQUISA	EXPLORATÓRIA
INSTRUMENTO	QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO E AUTOAPLICÁVEL
POPULAÇÃO AMOSTRA	234 JOVENS NA FAIXA ETÁRIA COMPREENDIDA ENTRE 18 A 28 ANOS
BASE TEÓRICA	PSICOLOGIA
PRINCIPAIS CONCLUSÕES	CONCLUI-SE QUE INDEPENDENTE DO SEXO DOS SUJEITOS HOUE O ENTENDIMENTO DE QUE O CASAMENTO DEVE FAZER PARTE DA VIDA DO SUJEITO EM ALGUMA ETAPA DA SUA EXISTÊNCIA, DEMONSTRANDO AINDA A PREFERÊNCIA PELO CASAMENTO TRADICIONAL APESAR DA “CRISE DO CASAMENTO” E DO AUMENTO DE RELACIONAMENTOS MAIS EFÊMEROS.

Fonte: IBCT

QUADRO 6: PESQUISA 6

ANO	2003
AUTOR	CAROLINA MARINHO AMADO
TÍTULO DO TRABALHO	ESCOLHA AMOROSA: DA REPETIÇÃO À TRANSFORMAÇÃO
TIPO DE TRABALHO	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
OBJETIVO	COMPREENDER A ESCOLHA AMOROSA
TEMA E FOCO	ESCOLHA AMOROSA, REPETIÇÃO
TIPO DE PESQUISA	EXPLORATÓRIA
INSTRUMENTO	LITERATURA PSICANALÍTICA
POPULAÇÃO AMOSTRA	LITERATURA CIENTÍFICA A CERCA DO TEMA
BASE TEÓRICA	PSICOLOGIA
PRINCIPAIS CONCLUSÕES	CONCLUI-SE QUE AS ESCOLHAS AMOROSAS REPETEM ESSENCIALMENTE ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO SUJEITO. ISSO OCORRE DE DIVERSAS FORMAS A PARTIR DAS HISTÓRIAS FAMILIARES DE CADA CÔNJUGE. CADA SUJEITO, NA SUA SINGULARIDADE, DARÁ UM DESTINO PARA AQUILO QUE LHE É TRANSMITIDO.

Fonte: IBCT

8. DISCUSSÃO

Estudos sobre interação entre gênero e geração apontam que os papéis sociais são definidos culturalmente e passados transgeracionalmente. Os papéis femininos sofreram mudanças ao longo do tempo e de acordo com essas transformações que a família vem passando. As gerações futuras são afetadas pela postura e atitude das gerações anteriores, aprendendo com elas e podem ou não repetir seu modelo.

O processo de escolha do cônjuge tem sofrido mudanças ao longo da história, especialmente no tocante à esfera feminina. Essas mudanças são resultantes de transformações políticas, econômicas, culturais e sociais que proporcionaram à mulher a adoção de novos papéis, além da autonomia e liberdade nas decisões envolvendo as relações conjugais.

Dentre as 6 pesquisas na IBCT percebemos que por mais que hajam transformações e novas configurações do “casamento”, as pessoas ainda desejam o viver. Em geral as pesquisas apresentadas nos quadros 3 e 5 demonstram que as pessoas acreditam no casamento mesmo vivenciando situações de violências em suas famílias de origem ou fazendo parte de um grupo de estudantes universitários dentro de uma faixa etária considerada de jovens (LIMA, 2010; NUNES 2008).

A pesquisa apresentada no quadro 1 sugere que as pessoas tenderiam a se apaixonar por pessoas diferentes após cada ciclo reprodutivo. Também sugere que amor romântico é um sentimento que contem várias emoções e está relacionado à criação e manutenção de laços afetivos constituindo o vínculo emocional entre os parceiros em relacionamento amoroso (FRANÇA, 2013).

Em contrapartida, a pesquisa do quadro 4 traz a possibilidade de determinadas mulheres não escolherem um cônjuge por conta das crenças de que “quanto mais uma mulher for bem sucedida profissionalmente, menor a chance de se casar e ter filhos”. Se esta mulher quiser investir em sua carreira deveria desistir de seus outros projetos: casar e ter filhos e, se insistir em casar e ter filhos, levando em frente um projeto profissional, muito provavelmente, não será bem-sucedida (ANTUNES, 2010).

Quadro 6 nos traz a hipótese de que as relações amorosas são, muitas vezes, repetições de padrões vividos. Isso ocorre de diversas formas a partir de nossas histórias familiares, onde cada indivíduo na sua singularidade, dá destino ao que lhe foi transmitido. Nem sempre o que nos foi passado através da nossa

herança transgeracional é explícito imediatamente nas relações. O que não foi revelado ou evidenciado aparecerá de alguma forma (AMADO, 2003).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise das pesquisas identificadas, concluímos que a transgeracionalidade exerce expressivamente influência na escolha do cônjuge. As relações das nossas famílias de origem, de como nossos pais se relacionavam refletem nas escolhas tanto para que o modelo seja utilizado como referência positiva quanto para referência negativa, levando o indivíduo a escolher o oposto daquilo que já lhe é familiar.

Apesar das transformações no casamento e novos formatos de família, a instituição casamento é vista como algo desejável entre os jovens.

Para a mulher, além da influência das heranças transgeracionais, os fatores culturais, sociais interferem na escolha do cônjuge, pois por vezes associam o casamento à perda de autonomia e liberdade.

Este estudo abre espaço para novos estudos e questionamentos a cerca da escolha de cônjuge pelas mulheres, levantando a questão do por quê tem que atuar com um papel e não com outro, o que as levam a pensar que um aspecto limita o outro, por que temos que ser uma coisa ou outra e não uma coisa e outra.

REFERÊNCIAS

- ANTON, I. L. **C.A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico**. Porto Alegre : Artmed, 2012.
- ANDOLFI, M. (Org.). **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARÁN, M. R. **Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea**. Florianópolis: Estudos Feministas, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BERTHOUD, C. M. E.; BERGAMI, N. B. B. (1997). **Família em fase de aquisição**. Em: C. M. de O. Cerveny & C. M. E. Berthoud (Orgs.), *Família e Ciclo Vital nossa realidade em pesquisa* (pp. 55-73). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- CHODOROW, N (1979) **Estrutura familiar e personalidade feminina**. In: M.Z. Rosaldo & L. Lamphere (Orgs). *A mulher, a cultura e a sociedade*. (pp. 65-93). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- COSTA, J.F. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DIAS, M. **A Construção do casal: um estudo sobre as relações conjugais contemporâneas**. Tese de Doutorado. PUC, Rio de Janeiro, 2000.

DIEHL, J.A. **O Homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade**. In: WAGER, A. (Coord.). Família em cena: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002.

FÉRES-CARNEIRO, T., NETO, O.D. **Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais**. Volume 20, nº46. Rio de Janeiro: Paidéia, Maio-Agosto, 2010.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

_____. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

HAZAN, C.; SHAVER, P. **Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process**. Journal of Personality and Social Psychology, v. 52, n.3, 1987.

HINTZ, H. C. (2007). **Espaço relacional na família atual** In: C.M.O. Cervený. (Org.), Família em movimento. (155-171). São Paulo. Casa do Psicólogo.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe**. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

_____. **Atitudes frente à crise do casamento**. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

_____. **Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca**. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. São Paulo: Loyola, 2003.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro da Silva; DESLANDES, Suely Ferreira. **Resiliência e maus-tratos à criança**. Cadernos de Saúde Pública, 19(1). Recuperado em 23 de fevereiro, 2013, da Scielo (Scientific Electronic Library On Line): www.scielo.br

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOSADA, B.L. & ROCHA-COUTINHO, M.L. **Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias.** Psicologia em Estudo, Maringá, 2007.

MACFARLANE, A. **História do casamento e do amor.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MAGALHÃES, A. S. **Transmutando a Subjetividade na Conjugalidade.** Em Féres-Carneiro, T. (Org.) Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas São Paulo: Loyola, 2003.

MATOS, M. **Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia.** Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

MELILLO, A.; ESTAMATTI, M.; CUESTAS, A. **Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência.** In: MELILLO, A. e OJEDA, E. N. S. (orgs). Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MUNHOZ, M.L.P. **CASAMENTO: Ruptura ou continuidade dos modelos familiares?.** Taubaté- SP: Cabral Editora Universitária, 2000.

NUNES, S. A. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PERLIN, G. D. B. **Casais que trabalham fora e são felizes: Mito ou Realidade?** Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

_____. **Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?** Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, 17 (2), 15-29, 2005.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades.** Psicologia Clinica, 2 (12), 65-82, 2000.

SATIR, Virginia. **Terapia do grupo familiar.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

SILVA, M. R. S. **A construção de uma trajetória resiliente durante as primeiras etapas do desenvolvimento da criança: o papel da sensibilidade materna e do suporte social.** Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

SILVA, M. R. S.; LUNARDI; LUNARDI FILHO, W. D.; TAVARES, K.. **Resiliência e promoção da saúde.** Texto e Contexto- Enfermagem, 14(n. spe). Recuperado em 29 de junho, 2013, da Scielo (Scientific Eletronic Library On Line): www.scielo.br

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência.** 10 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

ZEIFMAN D.; HAZAN, C (2008). **Pair Bonds as Attachments: Reevaluating the Evidence.** In: Cassidy, J.; Shaver, P (Ed.). Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications. (2ª Edição). New York: Guilford Press.

QUADRO 1 <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17360>

QUADRO 2 <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-21072011-160617/pt-br.php>

QUADRO 3 <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/694>

QUADRO 4 <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16896>

QUADRO 5

<https://uol.unifor.br/oul/ObraBtdSiteTrazer.do?method=trazer&ns=true&obraCodigo=83658#>

QUADRO 6

<https://www.maxwell.vrac.puc-Rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=3741@1>